

O que os marcadores apagam o fogo reacende: diáspora e a lógica de traduções culturais

Valter Roberto Silvério¹
Carolina Nascimento de Melo²
João Felipe Gomes Carvalho³
<https://orcid.org/0000-0001-7281-0107>
Recebido 26/out | Aprovado 26/nov

RESUMO: O uso do termo marcadores sociais da diferença reinsere um debate sobre as disputas em torno da temática racial travadas pela Sociologia e Antropologia. Segundo Hofbauer (2011), tradicionalmente a Sociologia se dedicou aos debates sobre as relações raciais e a Antropologia sobre as culturas afro-brasileiras. O que se observa é que, de modo geral, as Ciências Sociais se valem do nacionalismo metodológico tanto nas interpretações quanto nas apropriações de discussões que ocorrem em movimentos transnacionais de circulação epistemológica de pensadoras negras e diaspóricas. Em termos gerais, o nacionalismo metodológico enfatiza o espaço nacional como termo privilegiado das análises. Mais que isso, tal proposta enfatiza as supostas peculiaridades do caso brasileiro (RIBEIRO, 2019). Os estudos da UNESCO realizados no Brasil nos pós 2ª Guerra Mundial exemplificam a tentativa constante das autoridades estatais e acadêmicas em demonstrarem diferenças sobre as questões raciais aqui e em outros contextos. Nos próprios estudos da UNESCO se evidenciou que, na verdade, as questões raciais do Brasil não diferiam tanto de contextos marcados por segregação e lutas anticoloniais. Todavia, o nacionalismo metodológico ao fechar as análises sociais nas fronteiras do território dificulta o entendimento dos processos diaspóricos ao mesmo tempo que possibilita uma apropriação seletiva da reflexão teórica de intelectuais da diáspora que tem contribuído sobremaneira para o entendimento do racismo contemporâneo. O artigo ao focar nas várias leituras do evento do fogo na estátua do Borba Gato em São Paulo no Brasil, a partir das similaridades do tipo de ato em várias cidades de outros Estados nacionais, reconhece a emergência de um movimento de contestação transnacional em torno dos significados da presença de estátuas e monumentos de escravizadores e colonizadores no espaço público.

Palavras-chave: diáspora; tradução cultural; monumentos; Borba Gato; incêndio; marcadores sociais das diferenças.

1 Prof. Dr Valter Roberto Silvério. Titular do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Member of the International Scientific Committee for Volume IX, X and XI of the General History of Africa - GHA – UNESCO. Pesquisador do CNPq.

2 Doutoranda em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFSCar), São Carlos, São Paulo, SP, <https://orcid.org/0000-0003-4644-3918>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6388273288566422>. E-mail: melo.n.carolina@gmail.com.

3 Mestrando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS/UFSCar), São Carlos, SP, Brasil, <https://orcid.org/0000-0001-7281-0107>, <http://lattes.cnpq.br/1848158302337955>, E-mail: joaofelipegomes5@gmail.com.



The fire brought to light what the social markers cannot: diaspora and the logic of cultural translations

ABSTRACT: The use of the term social markers of difference reinserts a debate about the disputes around the racial theme engaged by Sociology and Anthropology. According to Hofbauer (2011), the sociology has traditionally been dedicated to debates about race relations and the anthropology upon Afro-Brazilian cultures. What is observed is that the Social Sciences make use of methodological nationalism both in interpretations and appropriations of discussions that takes place in transnational movements of epistemological circulation of black and diasporic thinkers. In general, methodological nationalism emphasizes the national space as a privileged term for analysis. Furthermore, this proposal emphasizes the supposed peculiarities of the Brazilian case (RIBEIRO, 2019). The studies carried out in Brazil by UNESCO after World War II illustrate the attempt by state-owned and academic authorities to demonstrate the differences upon racial issues in Brazil and in other contexts. In UNESCO's own studies, it was evident that racial issues in Brazil were not so different from contexts marked by segregation and anti-colonial struggles. However, methodological nationalism, by closing social analyzes at the borders of the territory, hampers the understanding about diasporic processes at the same time that it enables a selective appropriation of the theoretical reflection of intellectuals from the diaspora who has contributed to the understanding of contemporary racism. By focusing on the various readings of the burning of a statue in honor of Borba Gato in São Paulo, Brazil, from the similarities of the type of act in several cities in other national states, this article recognizes the emergence of a transnational contestation movement around the meanings of the presence of statues and monuments of enslavers and colonizers in public space.

Keywords: diaspora; monuments; cultural translation; Borba Gato, social markers of differences.

Lo que los marcadores elimina el fuego reaviva: diáspora y la lógica de traducciones culturales

RESUMEN: El uso del término marcadores sociales de diferencia reintroduce un debate sobre las disputas en torno al tema racial que libran la sociología y la antropología. Según Hofbauer (2011), la sociología se ha dedicado tradicionalmente a los debates sobre las relaciones raciales y la antropología de las culturas afrobrasileñas. Lo que se observa es que, en general, las Ciencias Sociales hacen uso del nacionalismo metodológico tanto en las interpretaciones como en las apropiaciones de las discusiones que se dan en los movimientos transnacionales de circulación epistemológica de pensadores negros y diaspóricos. En términos generales, el nacionalismo metodológico enfatiza el espacio nacional como un término privilegiado para los análisis. Más que eso, esta propuesta enfatiza las supuestas peculiaridades del caso brasileño (RIBEIRO, 2019). Los estudios de la UNESCO llevados a cabo en Brasil después de la Segunda Guerra Mundial ejemplifican el intento constante de las autoridades estatales y académicas de demostrar diferencias sobre cuestiones raciales aquí

y en otros contextos. En los propios estudios de la UNESCO, era evidente que, de hecho, las cuestiones raciales en Brasil no eran tan diferentes de los contextos marcados por la segregación y las luchas anticoloniales. Sin embargo, el nacionalismo metodológico, al cerrar los análisis sociales en las fronteras del territorio, dificulta la comprensión de los procesos diaspóricos al tiempo que permite una apropiación selectiva de la reflexión teórica de los intelectuales de la diáspora que ha contribuido enormemente a la comprensión del racismo contemporáneo. El artículo, centrado en las diversas lecturas del evento de incendio en la estatua de Borba Gato en São Paulo, Brasil, basado en las similitudes del tipo de acto en varias ciudades de otros estados nacionales, reconoce el surgimiento de un movimiento de contestación transnacional en torno a la significados de la presencia de estatuas y monumentos de esclavizadores y colonizadores en el espacio público.

Palavras Clave: diáspora; tradução cultural; monumentos; Borba Gato; fogo; marcadores sociais de diferencias.

INTRODUÇÃO

Em meio a disseminação e tentativas de controle da Covid-19 (doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV2), que apresenta um espectro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros graves⁴, nos deparamos com um conjunto de medidas sanitárias necessárias orientadas pela exigência de isolamento social. Paralelamente, no entanto, assistimos a uma crescente proliferação de manifestações globais que questionam monumentos que retratam o passado colonial, “heróis nacionais”, considerados uma incomoda memória para aqueles indivíduos cujo pertencimento, experiência e relações sociais estão associadas às coletividades que foram colonizadas e escravizadas. Em outras palavras, sujeitos contemporâneos cujas memórias, coletivas ancestrais ou de origem, se associam e são associadas a comunidades que experimentaram a racialização, isto é, experiências inferiorizantes e hierarquizantes em termos de seu pertencimento à humanidade.

O incêndio na estátua do bandeirante Borba Gato, assumido por um grupo que se intitulou “Revolução Periférica” deu visibilidade no Brasil a um tipo emergente de movimento social, existente em vários estados nacionais europeus, africanos e americanos, cujos intelectuais, ativistas e acadêmicos têm assumido posições sobre o sentido e o significado da forma como o passado é reconstituído no espaço público.

Mbembe (2006), por exemplo, ao analisar o debate com base, principalmente, nos casos da África do Sul e Camarões tem um posicionamento claro: “proponho que, em cada país africano, proceda-se imediatamente a um recolhimento tão minucioso quanto possível das estátuas e dos monumentos coloniais” (MBEMBE, 2006, p. XX). Suas reflexões nos possibilitam a compreensão dos sentidos globais de tais movimentos e, nos informa, sobre os significados desse tipo de agência política que reivindica uma reconfiguração do espaço público no caso africano. Para o autor, nós devemos saber

que, para ser duradoura, toda dominação deve se inscrever não somente sobre os corpos dos sujeitos, mas também deixar marcas sobre o espaço que habitam,

4 De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>



bem como traços indelévels no seu imaginário. A dominação deve envolver o assujeitado e mantê-lo em um estado mais ou menos permanente de transe, de intoxicação e de convulsão — incapaz de refletir por si com toda a clareza. É somente assim que a dominação pode levá-lo a pensar, agir e se comportar como se estivesse irremediavelmente preso nas redes de um insondável sortilégio. A sujeição deve igualmente ser inscrita na rotina da vida cotidiana e nas estruturas do inconsciente. O potentado deve habitar o sujeito de tal maneira que este último não possa, doravante, exercer sua faculdade de ver, de entender, de sentir, de tocar, de mover-se, de falar, de se deslocar, de imaginar ou mesmo não possa trabalhar e sonhar senão em referência ao significante mestre que, a partir desse momento, se debruça sobre ele e obriga a gaguejar e cambalear (MBEMBE, 2006, p. XX).

As questões postas por Mbembe (2006) nos remetem aos limites dos marcadores sociais de nossas diferenças inscritos no nosso corpo e, também, das relações entre o sentido das marcas existentes no espaço público e o nosso passado. Além disso, em um nível mais abstrato, nos fazem refletir sobre a ressignificação da agência dos subalternizados quando eles reconhecem o encontro do social (relações sociais) e o psíquico (o indivíduo cognoscente da forma como o grupo a que ele/ela pertence foi subalternizado). O período posterior à II Guerra Mundial demarca a ruptura histórica de tal encontro. Por exemplo, ao se trabalhar com Hall (2016) nos damos conta de que foi o período que marcou

o começo da diáspora negra do pós-guerra na Grã-Bretanha — a visão predominante na época era de que o povo caribenho não tinha cultura própria, uma vez que era, claramente, produto de diferentes tradições culturais (inglesa, espanhola, holandesa, portuguesa, africana, indiana, chinesa etc.) —, todas obrigadas a, no modo transcultural comum a essa parte (o meridiano inferior) do que Paul Gilroy chamaria o “Atlântico negro”, coabitar nas zonas de contato de colonização, isto é, as regiões marcadas pela “presença espacial e temporal conjunta de sujeitos anteriormente separados por discontinuidades históricas e geográficas cujas trajetórias agora se cruzam (HALL, 2016, p. 47-48).

Para Hall, tanto a coabitação quanto a transculturação já haviam sido analisadas anteriormente, não como propõe Hall na chave da tradução cultural, mas como: contato cultural (Malinowski); retenções africanas (Herskovitz); “transculturação” e o contraponto do Tabaco e açúcar em Cuba (Fernando Ortiz); sincretismo religioso no Haiti (Pryce-Mars) no Brasil (Gilberto Freyre e Roger Bastide). Mas o aspecto central para Hall (2000; 2016) ao propor uma formulação alternativa à Gilroy (1993; 2001) e Pratt (1992) é que nas zonas de contato de colonização ocorriam as traduções culturais as quais implicaram desde a primeira fase da globalização em sociedades traduzidas e quando se considera a especificidade histórica de cada uma dessas formações culturais, elas foram todas

sociedades diaspóricas num sentido importante, isto é, mantinham-se numa relação diaspórica de disseminação na dialética centro/periferia, colônia/metrópole... sociedades de deslocamento e disjunção, separadas temporais e espacialmente de qualquer coisa que pudesse se colocar ou ser construída, de forma decisiva, como seus locais de origem (HALL, 2016, p.48).

Assim, o uso da *diáspora*, enquanto categoria analítica, abriria novos caminhos para explorar, o que Hall considera os problemas particulares da conceptualização de “cultura”, “poder”, “identidade” e “diferença”, que ele chamou de *implicações da lógica de tradução cultural* (HALL, 2016). Um apanhado não exaustivo dessas implicações do uso da diáspora como categoria analítica nos leva a pensar a colonização, o racismo e a racialização como parte de nossas experiências coletivas e individuais.

Não estamos acostumados a pensar a colonização presente nas relações e experiências individuais cotidianas, mas sim como algo perdido em um passado imemorial. No entanto, as manifestações e questionamentos aos inúmeros monumentos que compõem a paisagem das cidades nos relembram, nos termos de Mbembe (2006), que a dominação, ou mais precisamente sua memória, ao se inscrever nos corpos dos sujeitos, no espaço requerem repostas discursivas no cotidiano das populações que foram objeto da colonização, escravização e, atualmente, da racialização. Neste último caso, para além das marcas visíveis dos fenótipos como nos lembrou Fanon (1952; 2008) sobre a experiência vivida do negro.

A racialização, portanto, é um momento em que a reposição de categorias hierarquizantes produzidas com base em relações sociais em outros momentos históricos como, por exemplo, o da colonização e o da escravidão são acionadas discursivamente gerando representações. A ênfase nas representações de indivíduos e grupos sociais se mostra importante, pois, através dela, podemos descrever o modo como uma sociedade lida com as diferenças e o signo (fenótipo) e o significante (“negro”), gerando um conjunto de imagens com conseqüências simbólico-materiais nas dinâmicas sociais, no interior de processos contextuais e históricos entorno do significante “negro”.

O evento do fogo na estátua do Borba Gato, apoiado por algumas organizações da sociedade civil e criticado por vários setores sociais e midiáticos assumido pelo grupo autointitulado “Revolução periférica”, ganha novo significado quando analisado a partir de um enquadramento pós-colonial e da categoria analítica diáspora.

Ao trabalharmos com Stuart Hall, em referência ao Brasil, aprendemos que, nas zonas de contato de colonização (Pratt, 1992) as quais Gilroy (1993) denominou de Atlântico Negro, em meio às inúmeras diferenças, o que nos torna similares é que “nossas “terras e gentes” são caracterizadas pela marca indelével da colonização e da escravidão [e] nossas regiões são ambas de sociedades pós-escravatura e pós-coloniais de tradução cultural”.

Ao deslocar o debate em relação à literatura antropológica sobre a região, isto é, da discussão de Herskovits sobre as retenções africanas, o trabalho de Fernando Ortiz sobre “transculturação” em Cuba, os de Pryce-Mars e outros sobre o Haiti e o sincretismo religioso de Gilberto Freyre e Roger Bastide sobre o Brasil; Hall (2016) está enfatizando tanto a emergência dos estudos culturais quanto a forma como lidam com a colonização, escravidão e racismo enquanto produtos de relações de poder radicalmente assimétricas (Hall, 2016, p. 52). Dessa maneira, a questão é a seguinte: *quais são as implicações de se pensar em uma perspectiva pós-colonial em termos diaspóricos e da tradução cultural?*

Primeiro, em termos históricos implica em considerar que o encontro colonial não foi realizado entre povos com história (os Europeus) e povos sem história (todos os outros povos); segundo, se todos os povos tinham suas histórias particulares a colonização foi um momento de encontro de povos com diferentes histórias e culturas no qual tem início a primeira fase da globalização.

E, por fim, os momentos da colonização e da escravidão colonial são os momentos nos quais as representações sobre os outros (não europeus) são disseminadas. Tais contextos consolidam a diferença como alicerce tanto de hierarquização da humanidade quanto da organização da sociedade. No topo da hierarquia encontra-se o indivíduo branco europeu do sexo masculino enquanto meta



cultural e parâmetro civilizacional a ser atingido por todos os outros seres humanos. Ao mesmo tempo, a Europa que se constituiu como força imperial aparece como modelo institucional e de organização das relações sociais, por exemplo, do Estado moderno. O qual no momento de sua formação definiu quem poderia e não poderia estar incluído enquanto membro.

Os autores do ato denunciam que Borba Gato foi uma figura central no projeto colonial português por participar ativamente tanto do esvaziamento das terras hoje conhecidas como brasileiras capturando e eliminando populações nativas (indígenas) quanto debelando revoltas escravas e caçando africanos (e negros) escravizados e agindo vigorosamente na repressão dos quilombos que se constituíam em espaços de sociabilidade alternativa em direção à liberdade para todos que questionavam a brutalidade da colonização portuguesa. Desta forma, os eventos que tiveram lugar no monumento ao Borba Gato abrem a discussão em relação a um novo enquadramento da narrativa colonial predominante no país.

MEMÓRIA COLONIAL, MONUMENTOS E A ESTÁTUA DO BORBA GATO

Os últimos anos têm sido marcados por um crescente questionamento à presença de monumentos e figuras que - na forma de estatuas, em geral relacionadas com a gestão colonial, a escravidão, a guerras e movimentos considerados desastrosos para humanidade como o nazismo, apartheid, fascismo, Jim Crown e ditaduras, entre outros - ocupam o espaço público em especial nas grandes cidades.

No Brasil, os questionamentos se intensificaram com o crescimento de pichações em tais objetos em 2016, entretanto, no dia 24 de julho de 2021 a mídia local e transnacional noticiou que a estátua do Borba Gato estava em chamas. As polêmicas que se seguiram, em termos do significado do ato, trouxeram ao conhecimento de um público maior as divergências em torno da paisagem urbana. No caso específico, as múltiplas dimensões e percepções assumidas por monumentos na estrutura das cidades emergiram no debate sobre a estátua incendiada que é parte de um conjunto, na mesma praça, composto por mais quatro painéis em mosaico com cenas de Santo Amaro que, para além de algumas curiosidades locais, traduzem aspectos centrais da própria história local, regional e nacional.

Figuras 1 e 2: Faces 1 e 2 do cubo junto à estátua de Borba Gato



Fonte: Costa (2019)

Legenda: As faces mostram, à esquerda, o jesuíta José de Anchieta, que rezou a primeira missa na capela de Jurubatuba e o índio Caiubi, tendo ao centro o brasão de Santo Amaro e o rio Jurubatuba. À direita, os primeiros colonos alemães e a primeira fábrica de ferro da América do Sul, construída em Santo Amaro

Figuras 3 e 4: Faces 3 e 4 do cubo junto à estátua de Borba Gato



Fonte: Costa (2019)

Legenda: A face à esquerda da imagem mostra a homenagem aos moradores de Santo Amaro, João Paes e Suzana Rodrigues, que doaram a imagem do santo à capela, resultando no nome da cidade que se tornou bairro. Na face à direita, o artista homenageia o poeta Paulo Eiró e o Padre Belchior de Pontes.

O conteúdo da polêmica, em termos discursivos, suscitou desde imagens que associavam o ato a um “atentado” terrorista⁵ (NASCIMENTO, 2021), como manifestado na reportagem do site saopauloantiga.com.br, passando pelo posicionamento do jornalista e escritor Laurentino Gomes (MERCIER, 2021), que no mês anterior, havia se declarado contrário a demolição de estátuas e outros monumentos e favorável à sua preservação como objeto de estudos e reflexão. E, também, os defensores da necessidade e legitimidade do ato como forma de descolonizar o espaço público da simbologia mítica colonial e, também, da memória que se pretende marcar e fixar a posição atribuída dos diferentes indivíduos e grupos nas relações sociais de poder expressas em um dado contexto.

De acordo com Erin Thompson⁶, professora de crime artístico do John Jay College of Criminal Justice da City University de Nova York, as estátuas em geral foram criadas pelos governantes mais em uma perspectiva de intimidação do que demonstração de boa vontade em representar o desejo popular majoritário. Desde o início da arte humana, as estátuas sempre trataram de relações de poder, nos deparamos com estátuas de governantes, pessoas poderosas, como se enviassem mensagens para lembrar ao povo quem está no comando. No passado, como nos lembra, a autora não era incomum quando da queda de um governante a estátua ou monumento em sua “homenagem” ser removido da paisagem urbana. Expressão de relações de poder as várias interpretações do ato de pichar, derrubar, incendiar as estátuas nos permite pensar o dissenso contemporâneo em torno do que deve estar presente na paisagem urbana contemporânea.

5 O artigo *Monumento Borba Gato* foi escrito em 2013 e atualizado em 2021 para que se expressasse a opinião do autor (NASCIMENTO, 2021). Link: <https://saopauloantiga.com.br/borba-gato/>;

6 O artigo *Historians debate America's history of racism and Confederate monuments*, do jornal ABC News, contém uma discussão sobre a temática no estrangeiro, bem como uma entrevista com a prof^a Dra. Erin Thompson. Link: <https://abcnews.go.com/US/historians-debate-americas-sordid-history-racism-confederate-monuments/story?id=71486827>



O monumento no qual encontra-se a estátua do Borba Gato foi projetado para a comemoração do IV centenário da cidade de São Paulo, mas concluído inaugurado após 5 anos daquela celebração em 1963. E ele contém referências explícitas em termos de imagens de personagens relacionadas aos momentos da colonização, da escravidão e da imigração, com o objetivo de configurar uma memória coletiva e alinhar uma narrativa comum, em face das diferentes temporalidades e posições ocupadas pelos grupos e povos que constituíram a formação nacional. Nesse sentido, quais conhecimentos e informações os discursos sobre o evento Borba Gato disseminam sobre o movimento brasileiro?

Um grupo de historiadores que se autodenominam Coletivo História a Contrapelo publicou um artigo intitulado “*O incêndio não começou e não terminará na estátua do Borba Gato*” (2021). Nele os autores colocam um conjunto de questões que ultrapassam os juízos valorativos do evento e, ao mesmo tempo, situam o problema em um movimento global que adquire visibilidade a partir de 2016 ao mesmo tempo que tal debate sobre história e memória encontra-se interdito no Brasil. Em artigo, SILVA (2021) faz menção direta a uma sequência de eventos semelhantes ao fogo no Borba Gato, a citar:

I - Na noite do 09/06, no Parque Cristóvão Colombo, em Boston, no USA, a estátua que homenageava o navegador genocida responsável pelo chamado “descobrimento” da América, que causou o extermínio de diversas comunidades e povos nativos, foi decapitada por manifestantes;

II - No dia 9 de junho, na Bélgica, “autoridades” removeram a estátua do ex-rei genocida Leopold II na cidade de Antuérpia, sendo que no mesmo dia a estátua havia sido queimada por manifestantes, que exigem a remoção da estátua e de todos os símbolos do colonialismo;

III - No dia 7 de junho, manifestantes cercaram uma estátua homenageando Leopold II na cidade de Bruxelas, capital do país, e subiram nela erguendo uma bandeira da República Democrática do Congo, enquanto gritavam Assassino!. Leopold II foi rei da Bélgica colonialista, e aplicou terríveis crimes coloniais contra a colônia do Congo, provocando um genocídio de no mínimo 10 milhões de pessoas;

IV - Na Inglaterra, no 09/06, após protestos contínuos nos dias anteriores contra a estátua de Robert Milligan, na frente do Museu de Docklands, em Londres, a estátua foi removida. Robert Milligan havia sido um comerciante colonialista que possuía duas plantações de açúcar e 526 escravos na Jamaica;

V - No mesmo dia, milhares de pessoas se reuniram na frente da Faculdade de Oriel, pertencente à Oxford, exigindo a queda de uma estátua em homenagem a Cecil Rhodes, imperialista que defendia a manutenção do domínio britânico sobre a África do Sul, e dizia que os africanos eram inferiores aos britânicos;

VI - No dia 8 de junho, no USA, a estátua do confederado John Breckinridge Castleman foi removida em Louisville, após exigência popular. A estátua havia sido alvo de protestos e ataques desde a década de 1990;

VII - Em 07/06, na cidade de Bristol, Inglaterra, manifestantes derrubaram a

estátua em homenagem ao comerciante de escravos Edward Colston. Colston era líder da *Royal Africa Co.*, responsável pelo tráfico de milhares de africanos escravizados para a América, grande parte deles mortos no transporte.

VIII - Na Praça do Parlamento, em Londres, a estátua em homenagem de Churchill foi pichada com as palavras *Foi um racista!*, e após as manifestações do dia ela foi apagada. No dia 09/06, a mesma estátua do ex-primeiro ministro esteve cercada por ao menos dez policiais, numa tentativa de a proteger. Churchill, símbolo do imperialismo britânico, defendia a existência de “raças inferiores”, comparava os indianos a animais e foi diretamente responsável pelo genocídio de Bengala;

IX - No final de semana dos dias 6 e 7 de junho, uma estátua em Glasgow do antigo primeiro-ministro britânico, Robert Peel, foi alvo de pichações, com a sigla “ACAB” (“Todos os policiais são bastardos”, sigla em inglês) e o símbolo da foice e o martelo. Robert Peel foi o criador do aparato policial britânico moderno;

X - Na noite do dia 06/06, no USA, manifestantes usaram cordas para derrubar a estátua do general dos confederados Williams Carter Wickham no Parque Monroe, em Richmond. Segunda a revista do monopólio de mídia Richmond Times, após a queda, alguém urinou na imagem do general reacionário; entre inúmeros outros

O que todos esses eventos têm em comum é a disseminação de um discurso, geralmente, acompanhado de uma prática de questionamento da presença de monumentos na paisagem de grandes cidades, inclusive portuárias, que direta ou indiretamente estão associadas ao momento da colonização, ou da política euro-americana de colonização. Os quase quatro séculos de escravidão tiveram como principal corolário a constituição dos primórdios do mercado global, através do comércio de escravos, que teria sido a base para o enriquecimento de nações-imperiais nos termos Wilder (2005; 2015).

A reivindicação de desinterdição do debate proposto pelo Coletivo História a Contrapelo incide sobre os seguintes aspectos:

1) a parcialidade da história e memória expressa por tais monumentos cuja construções foram orientadas por uma perspectiva historiográfica que reduziu a identidade nacional à leitura do colonizador;

2) ao se questionar a perspectiva historiográfica reducionista, e o interesse de acadêmicos e políticos na continuidade de sua versão parcial, o Coletivo observa que não se deve manter a “confusão” presente no debate público que “ignora a diferença entre disputa pela memória e apagamento histórico” (COLETIVO, 2021, s/p);

3) o que estaria em jogo no debate público global, cuja atualização no Brasil seria o fogo no Borba Gato, é a disputa em torno do significado de monumentos, estátuas, esculturas.

Do ponto de vista da narrativa hegemônica a memória que se pretende projetar na paisagem social das grandes cidades, por meio de monumentos e estátuas, é resultado de escolhas com base



em relações de poder que estabelecem o que e quem deveria ser lembrado. Cabe, então, a pergunta: Como analisar esse momento e conjuntura para além dos juízos de valores já expostos nos diferentes meios de comunicação? Qual é o significado da emergência de um discurso de que os brancos deveriam se envergonharem da escravidão no Brasil? Estaríamos diante de processos culturais e políticos que não são passíveis de serem apreendidos pelas categorias tradicionais das ciências sociais e humanas?

AS AÇÕES, REAÇÕES E (NOSSA) INTERPRETAÇÃO

O momento conjuntural demonstra que há um novo tipo de leitura realizada por jovens auto-denominados periféricos que rejeitam as manifestações que eles consideram

ultra-intitucionalizadas, organizadas pelos partidos políticos de esquerda e pelas organizações tradicionais de trabalhadores. Sempre na avenida Paulista, centro financeiro do País — tão distante em todos os sentidos dos bairros pobres da cidade (CAPRIGLIONE, 2021, s/p).

Ao se denominarem enquanto membros da “Revolução Periférica”, pode-se entender que eles estão em várias favelas e se referem ao papel das letras de rap, especialmente dos Racionais MC’s, como fonte de conscientização. Seus discursos fazem menção à máquina de guerra representada pelo Estado “burguês” contra os pobres, os negros, os indígenas, os habitantes da periferia. E ao assumirem que atearam fogo na estátua do Borba Gato deixam evidente que o bandeirante

especializou-se em massacrar, escravizar, roubar, assassinar, torturar e corromper. Indígenas experimentaram toda a dor que a cobiça e a ambição podem gerar, já que eram escravizados para suprir com mão-de-obra as lavouras de cana-de-açúcar do Nordeste. Outra especialidade era a caça aos escravos negros fugidos e a repressão aos quilombos. Borba Gato era um miliciano, numa época em que não havia câmeras e nem leis. Matou à vontade quem quis matar (Ibid, s/p).

As polêmicas do bandeirante continuavam quando duas semanas depois, estudantes de São Paulo e Brasília em comemoração ao Dia do Estudante⁷ realizaram uma intervenção no espaço público que ressignificava totalmente o sentido dado ao dia antes das ações afirmativas: as ações giraram em torno da substituição de placas de ruas com nomes que homenageavam pessoas com posições racistas e eugenistas por nomes como da falecida escritora negra Carolina de Jesus ou do líder estudantil Honestino Guimarães que lutou contra a ditadura, entre outras pessoas representativas da periferia e/ou relacionadas às lutas contra a ditadura militar.

7 O Dia do Estudante é celebrado em 11 de agosto por ter sido nessa data, no ano de 1827, que o Imperador D. Pedro I instituiu os dois primeiros cursos de ensino superior nas áreas jurídica e social a serem oferecidos no Brasil. Na ocasião, os cursos de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais passaram a ser oferecidos na Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco, e na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. O advogado Celso Grand Ley propôs a criação da data, em um evento que celebrava os 100 anos dos cursos de Direito no Brasil. Dez anos depois, em 1937, a mesma data foi escolhida para a criação da União Nacional de Estudantes (UNE), instituição que defende os direitos dos estudantes de nosso país. Internacionalmente o Dia do Estudante é celebrado em 17 de novembro data que homenageia a memória de um grupo de estudantes da antiga Tchecoslováquia, que lutou contra as tropas nazistas que invadiram o país na Segunda Guerra Mundial. Para saber mais: <https://www.florence.edu.br/blog/dia-do-estudante>.

Figuras 5 e 6: Placas de ruas trocadas no Dia do Estudante



Fonte: Jornalistas Livres (2021)

Legenda: Exemplos das placas de ruas trocadas por estudantes

Nossa hipótese é que a inovação na forma de ação política direta questiona a paisagem de várias cidades exigindo, por um lado, a retirada dos representantes da construção prática da colonização, escravidão e doutrinas de inferioridade e superioridade racial e, por outro lado, a ação/reivindicação de substituição por nomes com proximidade a experiências pessoais e coletivas de lutas contra a opressão econômica e política representam um novo momento brasileiro de incorporação de uma agenda transnacional com adaptações para o contexto nacional.

Dentre as características centrais do momento é importante sinalizarmos as transformações após a Segunda Guerra Mundial, em especial, o significado dos desdobramentos de movimentos anti-colonização (na Ásia e na África), anti-segregação racial (nos EUA) e o movimento feminista. O significado de cada um desses movimentos questiona de forma definitiva o projeto eurocêntrico de dominação global e, ao mesmo tempo, abrem um novo momento da história no qual as disputas discursivas em torno do nosso destino coletivo oscilam entre uma concepção de humanidade una e abstrata e outra concepção do que nos tornamos enquanto humanidade após o colonialismo, o escravismo e a racialização de nossas experiências coletivas e individuais.

MEMÓRIA: MONUMENTOS, MARCAS NO ESPAÇO E O (RE)IMAGINAR O SOCIAL

O movimento transnacional *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) tem cumprido um papel disseminador e protagonista nesta conjuntura: ao mesmo tempo, que suas ações se configuram enquanto uma intervenção inescapável à criação de uma consciência mundial dos impactos nefastos do racismo elas, também, desvelam a insuficiência e ineficácia dos modelos e discursos das Ciências Sociais e Humanas nascidas no interior da revolução burguesa. O amálgama discursivo dos jovens brasileiros, portanto, ao se referirem ao Estado “burguês” (dominação de classe), colonização (projeto de expansão da dominação colonial europeia) e escravidão (exploração econômica e construção cultural e política da inferioridade racial), acompanhada de uma percepção de que existiria uma ultra-institucionalização dos partidos de esquerda e/ou progressistas apenas confirma que eles constroem um outro diagnóstico de possíveis alternativas políticas no tempo presente.

Assim, em que pese a apreensão binária dos discursos políticos partidários progressistas, os jovens sinalizam, por meio de uma intervenção pontual no espaço público, não apenas para suas insatisfações com as respostas dadas pelos modelos explicativos das Ciências Sociais e Humanas do ponto de vista analítico, eles estão em movimento estabelecendo uma disputa, com seus parques



meios, pela hegemonia quando asseveram que conhecem *a diferença entre disputa pela memória e apagamento histórico*. Ao reivindicarem o não apagamento das atrocidades da colonização, da escravidão e da máquina de dominação do estado “burguês”, eles nos relembram as agendas políticas dos intelectuais africanos, negros e negras, indiana(o)s no pós-segunda-guerra, nas quais seus esforços eram tanto pelo não esquecimento da história desde o encontro colonial quanto pela necessidade de uma nova interpretação de suas experiências coletivas e enquanto sujeitos individuais que sempre lutaram e construíram histórias, mesmo em condições que negavam, total ou parcialmente, sua condição humana.

Basta lembrar o texto seminal de Clovis Moura (1981) que reconstituiu as formas de organização historicamente relacionadas às lutas dos africanos e seus descendentes, transformados em negros no Brasil e no Novo Mundo, desde o encontro colonial, afirmando que

O negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período no qual perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou – após a abolição – o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes: quilombos, confrarias religiosas, irmandades, cantos na Bahia, grupos religiosos como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo de umbanda, mais recentemente (MOURA, 1981, p.143-175).

Para Moura (1981), portanto, as organizações negras que atuavam no período tinham conhecimento das lutas dos seus antepassados e faziam referência a elas como sugere o coletivo de escritores negros que se autointitulavam Quilombhoje⁸. As menções aos quilombos como forma de resistência ao escravismo encontravam-se já na primeira edição de *Rebeliões da Senzala* (Moura, 1959). Texto considerado por Nelson Werneck Sodré, a “primeira tentativa sistemática de estudo da massa escrava e de seus movimentos de rebeldia, dissipando preconceitos e apresentando o quadro à luz de novos critérios” (1987).

A questão levantada por Moura (1981), em sua descrição das organizações negras daquele momento, tem inúmeras implicações: a primeira é que ele está dando um estatuto de agência não apenas reativa, mas alternativa a partir da própria experiência de opressão, aos modos que o negro enquanto povo se organizava política e culturalmente; a segunda é que em seus estudos sobre o negro no período estabelecem o quilombo como o primeiro espaço de organização da população descendente de africanos. Assim, vale a pergunta: qual é a importância da tese de Moura?

Em primeiro lugar, em contraste com a tese englobante de casa grande e senzala que estabeleceu - o espaço privado como o lócus da vida política a partir da simetria entre Casa grande (senhor) e Senzala (escravo) e o patriarcalismo como a síntese socializadora de nossas relações sociais – Moura propõe o quilombo como local de uma resistência ativa e de construção de uma sociabilidade alternativa de poder frente ao colonialismo português.

Em segundo lugar, olhando em perspectiva o deslocamento da leitura sobre a formação social brasileira, com base nos estudos sobre o negro, proposto por Moura tem início com seu *Rebeliões da Senzala* (1959) e se encerra com *Brasil: Raízes do Protesto Negro* (1983). A ideia central de que o escravo e, posteriormente, o negro questionaram constantemente a dominação colonial tentando criar alternativas à sua continuidade coincide temporalmente com a emergência de uma literatura

8
 Importante coletivo cultural e editora com enfoque na produção literária de escritora(e)s afro-brasileira(o)s. Para mais informações: <https://www.quilombhoje.com.br/>

pós-colonial da experiência negro-africana na chave da diáspora como já havia sido manifestada por Abdias do Nascimento em 1966. O contexto brasileiro do período, orientado para superação da ditadura, enfatizou a ação coletiva em direção à abertura política estimulando uma leitura da diversidade de movimentos sociais na chave da diferenciação social hierarquizando-os, através da categoria classe, e organizando a escritura de suas demandas pela precedência da classe frente a qualquer outra clivagem, por exemplo, o gênero, a raça e a etnia.

Como resultado a tensão constitutiva do período em torno da diferença foi fixada permitindo a sua apreensão apenas como relação social, isto é, construída dentro dos sistemas de poder que sustentam as estruturas de classe, racismo, gênero, sexualidade etc., e não em sua articulação com as nossas oportunidades de vida, isto é, como diversidade experiencial, conforme analisou Brah (1996). Neste sentido, o diagnóstico excepcional de Moura (1959; 198; 1983; 1989) do “erro”, empírico e analítico, de se atribuir apenas ao patriarca e, posteriormente, ao latifundiário a agência circunscreveram, empírica e analiticamente, todos os eventos que tiveram lugar desde a colonização à uma leitura binária que impossibilitou tanto pensar nas ambiguidades constitutivas de qualquer processo social quanto não tem permitido atribuir ao outro (negro, indígena, quilombola, etc.) a condição de sujeito cujo discurso e agencia disputam a hegemonia mesmo em condições subalternas o que nos aproximaria de uma versão radical da história no sentido pós-colonial.

Para Hall, o pós-colonialismo surgiu como um modo de pôr em questão as velhas dicotomias que legitimaram a supremacia do eu nacional imperial. O autor sugere que, o termo *pós-colonial* não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época, mas implicaria em uma releitura da colonização como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural, produzindo uma reescrita descentrada, diaspórica e mesmo global das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação (HALL, 2003, p. 109). Seu valor teórico, continua o autor, recai sobre sua recusa de uma perspectiva do *aqui e lá*, de um *então e agora*, de um *em casa e no estrangeiro* (idem).

O cerne do questionamento histórico de Hall, portanto, direciona-se para um esforço de interrupção crítica na grande narrativa historiográfica tradicional, tanto na historiografia liberal, quanto na sociologia histórica weberiana e em correntes dominantes do marxismo ocidental, “que tendem a reservar a essa dimensão global uma presença subordinada em uma história que poderia ser contada a partir do interior de seus parâmetros europeus” (HALL, 2003, p. 109).

Assim, os questionamentos local e global dos monumentos, estátuas de personalidades associadas a processos de dominação colonial e escravista, por um lado, têm se constituído em uma nova forma de ação política em meio ao crescente conservadorismo racista e a passividade dos partidos progressistas e, por outro lado, o reenquadramento da narrativa da colonização, escravização e dos impactos do racismo contemporâneo, para além da noção a-histórica de marcadores sociais da diferença, permite decifrar as lógicas contraditórias da tradução cultural melhor do que tem sido feito até hoje. Ao se trabalhar com Hall observamos que o problema pode ser resumido como “sendo o fracasso em se pensar o momento da colonização como de sobredeterminação – isto é, em termos de dominação, em vez de hegemonia (para adotar os termos de Gramsci) e de recusa em se pensar raça e racismo como sistema discursivo”. (Hall, 2000, p. 52-53).

O evento do fogo na estátua do Borba Gato, portanto, ao se deslocar dos discursos simplistas e moralistas interessados na manutenção de uma certa forma eurocêntrica de narrar a história, pode ser interpretado como um tipo de ação política que se orienta por uma outra forma de ler o passado



inspirada na exigência da descolonização representacional do espaço e, ao mesmo tempo, que sugere um dissenso e a necessidade (re)narrar momentos e aspectos fundamentais da história que são os seguintes:

1° - Momento da Colonização, este é o momento do encontro colonial, que pressupõe um conjunto de representações da diferença;

2° - Momento do Escravismo Colonial, nesse momento é criado um conjunto de representações sobre os escravizados, que permitem a exploração dos que estão abaixo da “linha da cor” como W.E.B. Du Bois desenvolve, os outros de um discurso hegemônico, nestas representações pessoas construídas como negras não eram consideradas seres humanos o que justificaria os interesses mercantis, para o uso de sua mão de obra nas plantations e para o tráfico de pessoas, empreendimentos altamente lucrativos para as ex-metrópoles;

3° - A Racialização tem desempenhado um papel crucial – embora historicamente mutante – desde a colonização e atravessando os sistemas pós-coloniais de poder, ao ser concebida tanto em termos genéticos e biológicos (raça e cor) quanto em termos de diferenças culturais (históricas, religiosas, linguísticas, consagradas nos costumes, roupas, práticas familiares e valores) no sistema racializado conhecido como “o novo racismo”. Um sistema mais complexo de sobreposição de diferenças civilizacionais entrou em jogo ao lado dos repertórios racializados mais antigos, produzindo o que Wieviorka e outros chamam de “racismo diferencial”: um racismo de diferenças racializadas complexamente articuladas em relação a, mas também entre, grupos diferentes.

Para Hofbauer (2009), uma das implicações ao se privilegiar menos os termos genéticos (raça e cor) em um mundo pós-industrial, com lógicas sociais que transcendem as demarcações territoriais de estados-nação, tem sido uma ênfase nos lugares de hibridação cultural. São neles que começam a se discutir a validade do conceito de cultura e a surgir uma nova perspectiva, uma nova lógica de tradução cultural, na chave analítica da diáspora africana, não descritiva, nesse sentido a ideia de “marca” não está presente, uma vez que a ênfase é na tradução cultural, nos processos interpretativos, nos discursos que configuram agenciamento dos sujeitos e grupos a conjunturas político/sociais específicas (HOFBAUER, 2009).

A conjuntura político-social que deu origem ao emblema *Black Lives Matter* se configura em um momento social mundial de ascenso de propostas políticas nacionais orientadas pela restrição de migrações transnacionais de ex-colonizados através da ênfase nas diferenças culturais que tem caracterizado o retorno dos discursos de pureza racial e nacional em países europeus outrora ex-metrópoles coloniais. Em relação, ao continente americano mesmo em regiões no passado caracterizadas pelo discurso da ideologia da mestiçagem e da crioulização tem dado lugar a lutas políticas orientadas pelo uso classificações racialmente informadas como forma de conter o aprofundamento das desigualdades redistributivas e a ausência de políticas sociais perenes desde as independências e processos abolicionistas do século XIX.

Desta forma, a chegada no Brasil de movimentos sociais com orientações transnacionais e globais de releitura dos sentidos do racismo contemporâneo e das origens coloniais das nossas desigualdades econômicas nos permitem pensar em termos de cadeias de significados das similaridades e diferenças entre os contextos nacionais e, também, nos exigem uma atualização frente aos limites do universalismo rousseauiano, ao associativismo maussiano e das interseccionalidades fixantes, ao nos remeter para à importância das traduções culturais.

Os novos movimentos sociais globais como o *Black Lives Matter* e os que questionam a presença de estátuas e monumentos que fixam nossa memória, e idolatria, em colonizadores, escravistas e caçadores de indígenas são incompatíveis com um mundo em que o desafio é viver com e em meio a diferença cultural.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

COLETIVO HISTÓRIA A CONTRAPELO. Artigo: “O incêndio não começou e não terminará na estátua do Borba Gato”. **Ponte Jornalismo**, 03 ago. 2021. Disponível em: <<https://ponte.org/artigo-o-incendio-nao-comecou-e-nao-terminara-na-estatua-do-borba-gato/>>. Acesso em: 24/09/2021.

HALL, S. **Diasporas, or the logics of cultural translation**. Conferência de abertura do VII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), “Terras & Gentes”, realizado em Salvador (BA), entre 24 e 27 de julho de 2000.

_____. *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity and Nation*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2017.

_____. Avatar Brah’s Cartographies: Moment, Method, Meaning. **Feminist Review**. Nova York: Sage Journals, 2012, v. 100, n. 1. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1057/fr.2011.65>>. Acesso em: 15/07/2021.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções**. Goiânia: PPGAS - UFG - Coleção Diferenças, 2019, p. 27-55. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1249/o/marcadores_sociais_das_diferencas.pdf>. Acesso em: 10/08/2021.

HOFBAUER, A. Cultura, diferença e (des)igualdade. *Contemporânea. Revista de Sociologia da UFSCar*, 2011, v. 1, p. 69-72, 2011.

LES BACK; TATE, Maggie. A cor da imaginação sociológica: W.E.B. Du Bois, Stuart Hall e a Sociologia de-segregante. **Revista ABPN**. [S.I.], v. 12, n. 33, p. 623-648. Disponível em: <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1022?fbclid=IwAR2N4bEpYomaM2S-BkAI8Hvy3_l2p6mH8JMtxlmv-VgkZSL33xMXtJFNYkQc>. Acesso em: 10/09/2021.

MBEMBE, Achille *Que faire des statues et monuments coloniaux ?* Le Messenger 2006///Article N°: 4354.

_____. *Que faire des statues et monuments coloniaux?* Le Messenger 2006/Article N° 4354. *Africultures.com*. Publié le 16/03/2006. Acesso em 25-09-2021.

MERCIER, D. Estátua do Borba Gato, símbolo da escravidão em São Paulo, é incendiada por ativistas. **El País**, 24 jul. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-24/estatua-do-borba-gato-simbolo-da-escravidao-em-sao-paulo-e-incendiada-por-ativistas.html>>. Acesso em 18/09/2021.

MOURA, Clóvis. (1959). *Rebeliões na Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*. São Paulo: Ed. Zumbi.



MOURA, Clovis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Editora Ática, 1987.

MOURA, Clóvis. *Brasil: Raízes do protesto negro*. São Paulo: Editora Global, 1983.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e a rebelião negra*. 5ª. Edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

RIBEIRO, Marcos Abraão Fernandes. Lilia Schwarcz e a persistência do nacionalismo metodológico nas interpretações do Brasil. **Sociologias**. Porto Alegre: UFRGS, v. 22, n. 54, p. 358-373. 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/98440/58093>>. Acesso em: 12/09/2021.

SCWARCZ, Lilia Katri Moritz. Prefácio. *In: Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e intersecções*. Goiânia: PPGAS - UFG - Coleção Diferenças, 2019, p. 8-20. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1249/o/marcadores_sociais_das_diferencas.pdf>. Acesso em: 10/08/20201.

SILVA, M. G. Revolta popular derruba estátuas de reacionários pelo mundo. **Esquerda Diário**, 12 jul. 2020. Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/noticias/13617-revolta-popular-derruba-estatuas-de-reacionarios-pelo-mundo>>. Acesso em 12/08/2021.

WILDER, Gary. **Freedom time**: negritude, decolonization, and the future of the world. Duham: Duke University Press, 2015.

_____. **The French imperial nation-state**: negritude and colonial humanism between the two World Wars. Chicago: Chicago University Press, 2005.